

12-2007

A missão em situação de conflito-Testemunho

António Moreira Loureiro

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Moreira Loureiro, A. (2007). A missão em situação de conflito-Testemunho. *Missão Espiritana*, 12 (12). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol12/iss12/10>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

A missão em situação de conflito

Testemunho

- António Moreira Loureiro

Pediram-me para dar um testemunho sobre a experiência que eu vivi numa situação de conflito. Não vou fazer teoria sobre isso. É só um testemunho. Também não é para recordar um passado que felizmente já está ultrapassado. Mas situações como esta fazem parte da Missão de todos os tempos e da missão do tempo de hoje. A missão tem uma vertente pascal que vem já do tempo de Cristo. Confesso que não me é muito fácil falar sobre esta experiência. Situações como a que se viveu em Angola durante longos anos, vividas na fé, ocultam um mistério que só no silêncio e na intimidade com Deus podemos recordar. Mas é natural que haja interesse em saber quais as dificuldades por que passámos, quais os valores que descobrimos nesta situação, quais as lições que recolhemos. Uma situação de conflito é sempre ponto de partida para um aprofundamento da nossa vocação missionária.

Todos conhecem a situação de guerra por que passou Angola no período da pós-independência. Foi uma guerra que varreu Angola de lés a lés. Podemos dizer que não houve cidade, vila, povoação ou aldeia pequena que fosse, que não tivesse sofrido os reflexos nefastos desta duradoira e terrível guerra civil que durou quase trinta anos.

Toda a guerra é uma grande calamidade, mormente se se trata de uma guerra civil. Foi esta calamidade da guerra civil que se bateu sobre Angola, depois da guerra pela independência.

Esta guerra atingiu todas as estruturas da vida angolana. Cidades belas, já em vias claras de desenvolvimento, algumas delas ficaram reduzidas a escombros. A quando da independência, Angola tinha já uma rede de estradas asfaltadas que ligavam as capitais das províncias, por onde se podia circular com bastante comodidade e rapidez.

Com a guerra, a grande maioria destas vias de comunicação ficou intransitável. Os blindados que por elas pas-

“Toda a guerra é uma grande calamidade, mormente se se trata de uma guerra civil. Foi esta calamidade da guerra civil que se bateu sobre Angola, depois da guerra pela independência”

savam, as minas que rebentavam, as pontes destruídas, a ausência total de manutenção, deixavam-nas num estado lastimável.

Os combates que se travavam numa determinada zona, cidade ou povoação, obrigavam as pessoas a abandonar as suas casas, os seus campos, os seus bens e deslocar-se para outras paragens, onde não tinham casa nem campos nem comida.

Podemos pensar nos milhares de pessoas que se deslocaram para as cidades onde pensavam encontrar segurança e alguma qualidade de vida. Basta pensar que na altura da independência, Luanda teria uns 500 mil habitantes e hoje deve rondar os 5 milhões. E o que aconteceu em Luanda aconteceu, embora em escala menor, em todas as outras cidades. Todas elas receberam milhares de refugiados que se juntaram em enormes bairros periféricos, vivendo em péssimas condições.

Podemos ainda pensar nas feridas que a guerra provocou no tecido social. Muitas famílias perderam o rasto dos parentes e ainda hoje os procuram. Muitos pais perderam os seus filhos, obrigados a combater nos exércitos beligerantes. Hoje, há ainda pais que não sabem dos filhos: se morreram ou se estão perdidos em qualquer recanto de Angola.

Podemos também pensar nos sentimentos de ódio e vingança que a guerra semeia no coração das pessoas. Ouvia-se dizer: "não podemos dar ao inimigo nem um palmo de terra". Este "inimigo" podia ser um parente, um conterrâneo ou alguém da mesma tribo. Mas como se estava em guerra, o parentesco e a amizade não contavam: era preciso matar.

Podemos ainda pensar na violência de que os civis, que nada tinham a ver com a guerra, foram vítimas. Muitas pessoas não queriam a guerra mas os senhores da guerra não deixavam que eles ficassem na neutralidade. Se não estás connosco, se não nos apoias é porque estás com o inimigo. Quantas pessoas foram mortas a frio em obediência estas lógicas. Quantas pessoas que nada tinham com a guerra e foram vítimas da sua neutralidade

A guerra teve também uma influência nefasta «no aspecto religioso. Nas últimas décadas, em Angola o trabalho de missionação foi notável. O Evangelho tinha atingido uma percentagem notável de angolanos. Com mais ou menos profundidade, o Evangelho tinha penetrado no coração de muitos angolanos. Actualmente é já significativa a percentagem dos indiferentes. Para isto contribuiu sem dúvida a guerra. Na grande maioria dos soldados a sua mentalização era marxista. Um militar não podia entrar na Igreja nem ter qualquer compromisso com ela. Nem para casar. A vida militar não lhes dava tempo nem liberdade para frequentar a prática religiosa. Isso terá feito com que um certo número de antigos militares tenham caído na indiferença religiosa.

“na altura da independência, Luanda teria uns 500 mil habitantes e hoje deve rondar os 5 milhões.”

“Mas como se estava em guerra, o parentesco e a amizade não contavam: era preciso matar.”

“Quantas pessoas que nada tinham com a guerra e foram vítimas da sua neutralidade”

“Um militar não podia entrar na Igreja nem ter qualquer compromisso com ela.”

Este panorama que marcou toda a Angola, durante a guerra, não podia deixar de ter a sua repercussão no Kuito. Bie, onde eu vivi todo este tempo da guerra

Em 1993 a cidade do Kuito-Bié esteve sujeita a um cerco de quase 9 meses. A cidade esteve cercada de 9 de Janeiro a 21 de Setembro. Os bombardeamentos eram contínuos: não se podia sair da cidade. A comida não entrava e as vítimas foram aos milhares. Os mortos eram enterrados nos jardins e nos quintais. Uma vez a guerra terminada, os corpos foram trasladados para um cemitério-monumento, fora da cidade. Nesse cemitério estão para cima de sete mil campos.

A cidade ficou em escombros. Quando Maître Blondin Berge, ele que era o mediador da paz entre o Governo e a Unita, depois do Acordo de Lusaka em 1994, veio, pela primeira vez ao Kuito-Bié, disse para toda a população: "Parece que uma bomba atómica caiu sobre esta cidade!"

No dia 21 de Setembro de 1993, a Unita tirou-nos à força do Bispado do Bié: o Bispo, os missionários e outros civis num total de 80 pessoas que ali estiveram refugiados durante todo o cerco.

Nesse momento a cidade do Kuito ficou sem um único missionário. Foram os leigos que ficaram na cidade que assumiram a coordenação das actividades das paróquias e das missões. Só em Kamakupa (General Machado) é que restava um sacerdote e outro no Chinguar, mas estavam isolados pois encontravam-se em campos opostos na situação da guerra.

No fim desta guerra do Kuito-Bié pode-se dizer que a diocese do Bié, quanto à organização, estava completamente desmantelada. Com as missões e paróquias sem missionários e com as estruturas destruídas ou semi-destruídas, com a cidade-mãe da diocese sem bispo e sem padres, o panorama era confrangedor.

Durante estes quase trinta anos de guerra pouco mais ou menos contínua em Angola e em particular no Kuito-Bié, qual foi a atitude da Igreja e a nossa atitude como missionários?

Durante todo este tempo, a Igreja procurou iluminar a situação que o povo angolano vivia, com a sua Palavra clara, objectiva e até provocatória. Sobretudo pedia que se tomassem atitudes justas para acabar com o conflito que estava a dizimar o povo angolano.

Em 1998, a Conferência Episcopal de Angola coligiu num só volume todos os documentos emanados pela Conferência Episcopal entre 1974 e 1998 com o título: "A Igreja em Angola entre a guerra e a paz". Foi a Igreja iluminando com o Evangelho e a Doutrina Social da Igreja as situações dramáticas que o povo vivia. Não eram teorias abstratas, generalizadas, elas focavam situações muito concretas.

"Em 1993 a cidade do Kuito-Bié esteve sujeita a um cerco de quase 9 meses."

"Nesse momento a cidade do Kuito ficou sem um único missionário."

"No fim desta guerra do Kuito-Bié pode-se dizer que a diocese do Bié, quanto à organização, estava completamente desmantelada."

"Durante todo este tempo, a Igreja procurou iluminar a situação que o povo angolano vivia, com a sua Palavra clara, objectiva e até provocatória."

Segundo chegou a constar, depois da publicação de alguns documentos mais directos como "Firmes na Esperança" no décimo aniversário da independência de Angola não faltaram as ameaças de repressão e prisão

Quando a Igreja começou a falar em reconciliação, houve da parte do Governo uma forte reacção contra esta posição da Igreja. Falar em reconciliação era assunto tabu durante a guerra.

Recordo algumas passagens que demonstram quanto a Igreja descia a situações concretas: "É um crime continuar com a guerra em Angola", "Bem-aventurados os obreiros da paz, porque serão chamados filhos de Deus." Aqueles que querem continuar com a guerra não se podem chamar filhos de Deus". Reflectam sobre as palavras de Paulo VI na ONU: "Deixai cair as armas das vossas mãos" e "Matar é pecado contra Deus e contra o homem"

Alguns dos títulos destas mensagens são por si só bastante elucidativos: "Sobre a Paz; "Sobre a reconciliação nacional"; "Sobre a violência"; "Sobre os últimos acontecimentos (A Pátria está de luto)", "Sobre o perigo do regresso à guerra"

Falei atrás dos acontecimentos trágicos levados a cabo na cidade do Kuito-Bié: o cerco de vários meses, os milhares de mortos dentro e nas cercanias da cidade.

"os missionários fizeram tudo o que estava a seu alcance para evitar esta calamidade."

Nesta situação concreta que eu vivi, os missionários fizeram tudo o que estava a seu alcance para evitar esta calamidade. Mas é preciso dizer, que numa situação de guerra, todos estamos embarcados no mesmo barco e que as soluções ao nosso alcance pouco diferentes das do comum das pessoas. Antes do facto acontecer, aconselhamos as duas partes beligerantes a evitar esta situação extrema. Depois de desencadeado o conflito, procuramos ajudar as pessoas nas mais diversas situações: recolher as pessoas das casas que estavam a ser bombardeadas, levar os feridos para o hospital, muitas vezes debaixo de tiroteio. A residência do bispado albergava ordinariamente 15 pessoas, durante a guerra chegou a acolher 120. Todos os compartimentos do rés do chão e eram bastantes, todos ficaram ocupados pelos refugiados.

Isto que aconteceu na residência episcopal também se passou noutros edifícios da Igreja como o Colégio das Irmãs de S. José de Cluny, o Colégio dos Maristas e o Seminário diocesano.

Uma das consequências do cerco à cidade foi a fome. Esta fome foi a causa directa de muitas mortes. Cada uma das paróquias e comunidade religiosas foi acudindo como podia e enquanto pôde. Depois a fome bateu à porta de todos. Cada um procurava sobreviver com o mínimo ao seu alcance e

fazendo ginástica para partilhar com quem mis precisava. A "Caritas" diocesana tinha uma pequena reserva, mas depressa essa reserva acabou, tanto mais que nada podia entrar na cidade. Os próprios militares estavam esfomeados e usavam de violência sobre os lugares onde suspeitavam houvesse qualquer reserva de alimentos. O Colégio dos Maristas que tinha acolhido muita gente foi assaltado e ficou sem nada.

Durante a guerra na cidade, procuramos através da Radio local fazer apelos, chamar a atenção do país e do mundo para a situação dramática que estávamos a viver. Conseguimos fazer chegar ao Cardeal Nascimento uma mensagem deste teor: "Faça chegar ao Presidente de Angola e à Direcção da Unita, o seguinte apelo: Que acabem com a guerra ou daqui a algum tempo no Kuito-BIé não haverá nem gente nem estruturas. Sem gente esta terra não interessará a mais ninguém". Sei que esta mensagem por vias não oficiais chegou ao seu destinatário.

Para além destas iniciativas que mais fazíamos? Rezávamos, celebrávamos a Eucaristia com fé e esperança, no refeitório do Bispado que era o lugar mais seguro. A Semana Santa de 1993 foi toda ela uma Sexta-Feira Santa. Mas se a Páscoa foi celebrada, no silêncio e na angústia, não deixou de ser a Páscoa de Cristo, anunciadora da Esperança e da Libertação. Foi com certeza a Páscoa mais íntima e mais verdadeira de toda a minha vida de missionário.

Na varanda do Bispado todos os dias rezávamos o Terço com a pessoas que se tinham acolhido na nossa casa. Com que emoção cantávamos, já noite, cânticos a Nossa Senhora, pedindo-lhe junto de seu Filho o dom da paz!

Recordo um facto: a residência episcopal estava situada na área governamental. Num dado momento a área passou a ser controlada pela Unita e nós lá continuávamos. Um oficial do Governo ficou gravemente ferido na presença do bispo. Pediram para ali ser assistido, pelas melhores condições de que a casa dispunha. Mais tarde, quando a Unita entrou na cidade, até comida nos arranjaram.

Esta é efectivamente a missão da Igreja em situação de conflito: não tomar partido e acudir a todos os que precisam. Ser Igreja e ser missionário nestas situações sé sobretudo um ministério de reconciliação e de acolhimento, de fé e de esperança.

Depois, com o decorrer dos dias, procurávamos estar perto das pessoas, concretamente com os feridos e vítimas da guerra. Partilhávamos o seu sofrimento e as suas notícias sempre dolorosas de desaparecimentos e mortes. Eram notícias que nos diziam respeito e que uníamos à nossa oração. Quando mais se não podia fazer ficávamos em silêncio, recolhidos diante

"Durante a guerra na cidade, procuramos através da Radio local fazer apelos, chamar a atenção do país e do mundo para a situação dramática que estávamos a viver."

deste mistério que ultrapassa a nossa capacidade de compreensão. Como Maria junto da Cruz a beber o sofrimento de seu Filho, numa atitude oblativa cujo valor só Deus conhece.